

A trajetória de Marcelo Crivella: de cantor gospel a prefeito da segunda maior cidade brasileira em 2016

Dora Deise Stephan Moreira¹

DOI: <https://doi.org/10.4025/rbhranpuh.v13i39.53562>

Resumo: Este trabalho discorre sobre a trajetória do bispo licenciado da Igreja Universal do Reino de Deus Marcelo Crivella, prefeito do Rio de Janeiro entre 2016-2020, desde sua inserção na política, em 2002, quando foi eleito para o Senado Federal. Sua primeira campanha foi alavancada pelo Projeto Nordeste, da IURD, liderada pelo tio Edir Macedo. Utilizando-se do tripé política, mídia e filantropia, Crivella, a partir de então, nunca deixou a vida política, revezando-se em candidaturas para governador, prefeito e senador. As estratégias de marketing usadas em suas campanhas demonstram a imbricada relação entre religião-mídia-política-assistência social. Destacamos o fato de Crivella ser a principal aposta da IURD no campo político, bem como de adotar identidades múltiplas, conforme é interpelado. Com base em revisão bibliográfica, mostra-se como Crivella transita, com desenvoltura, como líder religioso, político, gestor ou pai de família, em consonância com o eleitorado a que visa conquistar.

Palavras-chave: Marcelo Crivella; IURD; Edir Macedo; Identidades múltiplas.

Marcelo Crivella's trajectory: from gospel singer to mayor of the second largest Brazilian city in 2016

Abstract: This paper discusses the trajectory of licenced bishop of the Universal Church of the Kingdom of God and political Marcelo Crivella, current mayor of Rio de Janeiro in between 2016-2020, since his insertion in politics in 2002, when he ran for the Senate. His first campaign was leveraged by the Northeast Project, of UCKG, led by uncle Edir Macedo. Using the “politics, media and philanthropy” tripod, Crivella, from then on, never left his political life, taking turns running for governor, mayor and senator. The marketing strategies used in his political campaigns demonstrate the intertwined relationship between religion-media-politics-social assistance. We highlight the fact that Crivella is the main focus of the IURD in the political field, as well as that he adopts multiple identities, as he is challenged. Based on the literature review, it is shown how

¹ Doutora em Ciência da Religião pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora. Mestre em Comunicação Social pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora. Professora efetiva da Universidade Estadual de Minas Gerais, na Unidade de Leopoldina. E-mails: ddsstephan@gmail.com e dora.moreira@uemg.br.

easily he moves as a religious leader, politician, administrator and or family man, in line with the electorate he seeks to conquer.

Keywords: Marcello Crivella; IURD; Edir Macedo; multiple identities.

La trayectoria de Marcelo Crivella: de cantante gospel a alcalde de la segunda mayor ciudad de Brasil en 2016

Resumen: Este trabajo discurre sobre la trayectoria del bispo licenciado de la Iglesia Universal del Reino de Dios (IURD), Marcelo Crivella, actual alcalde de Rio de Janeiro entre 2016-2020, desde su inserción en la política, en 2002, cuando se postuló para el Senado. Su primera campaña fue elevada por el Proyecto Nordeste, de la Iglesia IURD, liderada por su tío, Edir Macedo. Utilizándose de la política, de la prensa y de la filantropía, Crivella, desde entonces, no más dejó la vida política, turnándose en candidaturas para gobernador alcalde y senador. Las estrategias de marketing utilizadas en las campañas de ese político demuestran la imbricada relación entre religión-prensa-política-asistencia social. Resaltamos el hecho de Crivella ser la principal apuesta de la IURD en el campo político, así como él adoptar múltiples identidades, conforme es interpelado. A partir de revisión bibliográfica, se presenta como Crivella transita, con desenvoltura, como líder religioso, político, gestor o padre de familia, en consonancia con el electorado que visa conquistar.

Palavras-clave: Marcello Crivella; IURD; Edir Macedo; Múltiples Identidades

Received em 06/05/2020 - Approved em 04/12/2020

Introdução

Os anos 1980 foram marcados por mudanças significativas no campo religioso brasileiro, devido ao aumento do número de pentecostais e de católicos carismáticos. Nessa mesma década, representantes tanto dos primeiros quanto dos segundos passaram a ocupar, de forma mais sistemática, cargos políticos no Poder Legislativo, sobretudo a partir da Assembleia Nacional Constituinte (1986-1988), bem como no Poder Executivo, ainda que em menor escala. Em consonância com nosso recorte empírico, discorreremos, essencialmente, acerca da ascensão dos pentecostais na política, representada pela figura do atual prefeito do Rio de Janeiro, Marcelo Bezerra Crivella (bispo licenciado da Igreja Universal do Reino de Deus), lançado na política em 2002, ano em que foi eleito pela primeira vez para o Senado Federal.

O caso de Marcelo Crivella é bastante emblemático no que se refere à ascensão dos evangélicos na esfera política, pois foi um candidato talhado pela Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), cujo líder espiritual mor é Edir Macedo, seu tio. Num espaço de menos de quinze anos na política, em 2016, foi eleito para a prefeitura da segunda maior

cidade do país, pelo Partido Republicano Brasileiro (PRB), com 1,7 milhões de votos (59,37% dos votos válidos), conforme dados do Tribunal Superior Eleitoral (TSE).

Durante esse período, Crivella disputou mais de uma vez a prefeitura do Rio de Janeiro e nunca deixou de ser senador. O ex-pastor da IURD teve uma passagem pelo Ministério da Pesca, entre 2012 e 2014, no primeiro mandato da presidente Dilma Rousseff, (Partido dos Trabalhadores). A destacada trajetória² de Crivella sempre contou com o aval do tio Edir Macedo, que fez dele um obreiro na política, sempre investindo em sua carreira política, a começar pelo Projeto Nordeste, sobre o qual discorreremos adiante.

Neste artigo, cuja metodologia utilizada é a revisão bibliográfica, buscaremos mostrar como Crivella concilia - ou não - sua identidade evangélica com a de político profissional, ao dar mais ênfase a uma ou outra, em conformidade com a circunstância, fazendo sempre, em última análise, o cálculo eleitoral.

1 – Do Senado à Prefeitura do Rio de Janeiro: o apoio incondicional da IURD

No Brasil, a década de 1980 foi de estagnação econômica, o que se deveu, sobretudo, à “maneira como a economia se adaptou à crise da dívida externa, deflagrada pelo aumento da taxa de juros no mercado financeiro internacional e agravada pela elevação do preço internacional do petróleo” (BALTAR, 1996, p. 86). Conforme o autor, a construção civil foi o setor mais afetado por essa estagnação, e os empregos de carteira assinada tiveram uma redução drástica (BALTAR, 1996, p. 88).

Essa situação fez com que profissionais da área de engenharia civil, afetados pela crise econômica, tivessem de usar da criatividade. Na ocasião, foi muito evidenciado pela mídia o “Engenheiro que virou suco”³, nome de uma lanchonete aberta na Avenida

² É preciso deixar claro que o que iremos apresentar neste trabalho é a trajetória de Marcelo Crivella, e não a sua biografia. Como assinalado por Giovani Levi, em seu texto intitulado “O uso da biografia”, “a biografia é um canal privilegiado através do qual os questionamentos e as técnicas peculiares da literatura se transmitem à historiografia” (LEVI, 1996, p. 168). Escrever uma biografia requer uma metodologia própria, relativa à História Oral. Não é essa nossa pretensão com relação a Marcelo Crivella. A trajetória aqui possui o sentido de percurso e é evocada por nós para ilustrar a ascensão dele na política, coincidente com a ascensão do segmento evangélico, o qual ele representa. Como referido no corpo do texto, trata-se de um exemplo emblemático.

³ Este nome, muito provavelmente, é uma remissão ao filme “O homem que virou suco”, dirigido por João Batista de Andrade e lançado em 1981, ou seja, no início da mesma década, marcada por uma forte recessão. A película mostra a estória de um escritor de cordel paraibano, recém-chegado em São Paulo, onde é confundido com um operário que assassinara seu patrão. Sem ter como comprovar sua identidade, por falta de documentos, o cordelista entra em uma enrascada. Ver mais: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra67266/o-homem-que-virou-suco>. Acesso em 30 de abril de 2019.

Paulista, coração da grande São Paulo, cujo proprietário era Odil Garcez Filho, um entre os milhares de engenheiros desempregados daquela época.

Na mesma década, em outra metrópole brasileira, o Rio de Janeiro, Marcello Crivella foi “O Engenheiro que virou pastor”. Em 1977, seu tio Edir Macedo havia aberto a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), cuja primeira sede fora instalada na capital carioca, mais precisamente num galpão de uma funerária, no Bairro da Abolição, com capacidade para 225 pessoas (ORO; TADVALD, 2015, p. 88). Com vistas a implantar seu ambicioso projeto religioso-econômico-midiático-político⁴, o bispo-mor da Universal, em 1985, quando a igreja já contava com 195 templos instaladas em 14 estados brasileiros (ORO; TADVALD, 2015), chamou seu sobrinho recém-formado para ajudá-lo a dar continuidade a seu sonho “de iniciar uma igreja do zero” (MACEDO, 2012, p. 62). Não tardou muito para que Crivella viesse também a integrar o corpo sagrado da IURD, tornando-se bispo desta instituição religiosa.

Vale lembrar que o engenheiro civil, conforme Ricardo Mariano e Rômulo Estevan Schembida de Oliveira (2009), já possuía uma verve religiosa, tendo antes pregado em praça pública com o tio Edir Macedo. Ainda criança, já frequentava a agremiação histórica Igreja Metodista, sendo que depois mudou-se para a Igreja de Nova Vida, do ramo pentecostal, a qual era frequentada também pelo tio. Em 1991, Crivella se tornou pastor-cantor⁵, com um repertório gospel, cujas letras eram de sua autoria. O futuro político fez sucesso, chegando a lançar durante sua carreira musical um total de 10 CDs e a vender cinco milhões de discos (MARIANO; OLIVEIRA, 2009, p. 83).

Em 1992, Crivella foi enviado à África do Sul para atuar como missionário. Naquele país – depois por todo o continente africano – Crivella implantou igrejas, sob sua liderança (MARIANO; OLIVEIRA, 2009, p. 83). Como recompensa pelos trabalhos prestados à IURD, ainda em solo africano fora promovido a bispo.

A julgar por essa trajetória, Crivella poderia ser considerado o escolhido do “rei” Edir Macedo para, entre seus “sequazes e discípulos”, ser aquele líder carismático que foi se transformando gradativamente: “primeiro - como na *trustis* do rei franco - em

⁴ Conforme Ari Pedro Oro e Mariano, em artigo intitulado “A Igreja Universal do Reino de Deus e a reconfiguração do espaço público brasileiro”, os primeiros templos dela funcionavam em cinemas desativados, alugados por ele. A expansão da IURD não demorou muito, ocorrendo principalmente nos anos 1980, quando passaram a ser abertos cerca de 25 templos por mês. Na década seguinte, a IURD alcançou a marca de 4 mil igrejas, de norte a sul do Brasil. Foi também entre essas duas décadas que a igreja se internacionalizou. Também foi na década de 1980 que ele expandiu seu império midiático, sobretudo com a compra da TV Record em 1989. A partir de 1990, a IURD também passou a ter candidatos próprios na política. (ORO; TADVALD, 2015).

⁵ O termo pastor-cantor é uma alusão à expressão padre-cantor, utilizado por Brenda Carranza, em seu livro “Catholicismo Midiático” (2011), para se referir ao Padre Marcelo Rossi, por exemplo.

comensais do senhor, privilegiados por direitos especiais, e depois em feudatários, sacerdotes, funcionários de partido, funcionários do Estado [...] que pretendem viver no movimento carismático [...]” (WEBER, 1999, p. 332).

Como um “privilegiado por direitos especiais”, ao voltar da missão africana para o Brasil, em 1999, já havia à sua espera um novo projeto, dessa vez, de cunho filantrópico. Sob os auspícios financeiro e midiático do tio, criou o Projeto Nordeste, que lhe assegurou um grande prestígio. O não menos ousado projeto iurdiano foi erguido em uma área de 500 hectares, no interior da Bahia, numa região semiárida do estado. Beneficiando 100 famílias, o projeto tinha como objetivo principal implantar iniciativas de irrigação, além da abertura de escolas e de postos de saúde na localidade onde se instalou (MACHADO, 2001, p. 46).

Não restam dúvidas de que o Projeto Nordeste foi exitoso e se transformou em um importante instrumento de marketing de Crivella em sua primeira campanha política. Como assinalado por Maria das Dores Campos Machado, “Do ponto de vista simbólico, a iniciativa da Fazenda Canaã é extremamente poderosa, associando a busca milenar da terra prometida com a disposição dos dirigentes da IURD em participar do jogo político” (MACHADO, 2005, p. 93-94).

Sobre a campanha do bispo Crivella 2002 para senador, Machado cita ainda os comícios, os quais, geralmente, tinham um “formato mais jovial de eventos *gospel*, com a participação de cantores evangélicos” (MACHADO, p. 94). Ao analisar as chamadas “Marchas para Jesus⁶”, que fazem parte da cultura *gospel*, Raquel Sant’Ana assevera que esse tipo de evento é poderoso, uma vez que “o som dos cânticos teria o poder de transformar a cidade e fazer valer “a vontade de Deus sobre essa nação” (SANT’ANA, 2014, p. 216). Ao que tudo indica, funcionou bem naquela campanha inicial de Crivella.

As estratégias de marketing utilizadas na campanha de Crivella não deixam dúvidas de que ele é um exemplo da imbricada relação entre religião-mídia- política- assistência social. Tudo isso com o aval da IURD, igreja que sempre o apoiou, sobretudo na figura do tio Edir Macedo. Embora não seja uma exclusividade da IURD, o tripé política, mídia e filantropia (MACHADO, 2001), tem alavancado inúmeras candidaturas seja em cargos municipais, estaduais, seja em cargos federais. A autora ressalta que o Projeto Nordeste foi o carro-chefe da primeira campanha de Crivella, tendo sido divulgado sobejamente na mídia, inclusive nos programas do Horário Eleitoral Gratuito (MACHADO, 2014).

⁶ A “Marcha para Jesus”, criada em 1993. A partir da Lei 12.025, de autoria de Marcelo Crivella, ficou instituído um dia nacional destinado ao evento no calendário oficial do país. (SANT’ANA, 2014, p. 214).

No caso de Crivella, a perna filantrópica do tripé foi amplificada pela perna midiática, pois o projeto da Fazenda Canaã ganhou espaço nas mídias internas e externas da IURD, o que certamente contribuiu substancialmente para sua vitória na eleição de 2002, quando foi eleito senador pela primeira vez, pelo Partido Liberal. Como assevera Luís Mauro Sá Martino, “o produto simbólico produzido pelas instituições religiosas precisa aparecer para ser conhecido. Mais do que isso, precisa provar que é melhor. O único caminho para isso no mundo atual é a mídia” (MARTINO, 2003, p. 5).

O bispo Crivella, dispondo de um forte aparato midiático da IURD, adentrou a arena política em situação vantajosa, o que lhe possibilitou, por meio das mais variadas estratégias de marketing, mobilizar os imaginários sociais, sobretudo de seus fiéis. Habilidades, saberes, esforços também foram mobilizados durante toda sua campanha. Conforme Mariano e Oliveira, o político neófito acionou, ainda, seu lado pai de família e cristão exemplares: “homem de uma mulher só” e “pai dedicado, marido apaixonado e vovô coruja assumido” (MARIANO; OLIVEIRA, 2009, p. 84), em declarações feitas à imprensa, colhidas pelos dois pesquisadores. Crivella valeu-se também do lema “justiça para o Rio e redistribuição da renda nacional”, uma pauta a mais em seu discurso polissêmico.

Foi como cantor *gospel* de sucesso, como engenheiro, como pai de família, como protagonista de um projeto social e religioso do Nordeste e como um jovem político disposto a combater as misérias e os problemas sociais que Crivella, estrategicamente, delineou seu marketing eleitoral para lançar-se na arena política e disputar uma vaga no Senado pelo Rio de Janeiro. *Sem passado político e desprovido de bases eleitorais extrarreligiosas*, contou com o auxílio do império midiático e da poderosa estrutura denominacional da Igreja Universal a anunciar suas realizações sociais na Fazenda Canaã, a construir sua imagem de profissional competente e a angariar milhões de votos. (MARIANO; OLIVEIRA, 2009, p. 84, os grifos são nossos).

É digno de registro que, embora tenha sido eleito senador, durante a campanha, Crivella foi atacado, sobretudo, por sua ligação com a IURD e por seu parentesco com o bispo Edir Macedo. As farpas foram lançadas principalmente pelos veteranos Artur da Távola e Leonel Brizola, bem como por outro pedetista, Carlos Luppi, todos concorrentes. As acusações diziam respeito ao próprio candidato, ao tio e à IURD,

prevalecendo a pecha de fundamentalistas, retrógrados. Além disso, questionaram a intrincada relação entre igreja e religião, como relatado por Mariano e Oliveira (2009).

Em 2004, quando estava há apenas dois anos como senador, Crivella recebeu outra incumbência de sua igreja. Disputar as eleições da segunda maior cidade do país, da segunda maior cidade em arrecadação e uma das capitais brasileiras com maior concentração de evangélicos. Em artigo que busca analisar as razões pelas quais alguns políticos preferem disputar eleições majoritárias, Luiz Felipe Guedes da Graça e Cíntia Pinheiro Ribeiro de Souza⁷ asseveram que: “O comando de uma prefeitura, ainda mais de uma cidade de grande porte, traz consigo grandes benefícios não só de maior visibilidade, mas também de capacidade direta de afetar políticas públicas” (GRAÇA; SOUZA, 2014, p. 334). Outro argumento apresentado pelos autores é o de que “alternar eleições para cargos nos diferentes níveis no sistema federativo permitem aos candidatos que perderam disputas por prefeituras tirem proveito da cobertura da campanha mais tarde na corrida por uma vaga na Câmara dos Deputados” (GRAÇA; SOUZA, 2014, p. 326).

Difícil afirmar o que levaria o então senador a entrar numa disputa acirrada pela prefeitura do Rio de Janeiro. No entanto, ao que nos parece, há uma maior pertinência da primeira assertiva com relação ao caso de Crivella. Isso porque é de se supor que, por representar a IURD, a possibilidade de poder influenciar em políticas públicas é algo que, além de ser atrativo, atende aos anseios dessa instituição religiosa, liderada por Edir Macedo. É de se supor também que, como asseverado por Max Weber, “O mecenazgo que financia [...] um chefe de partido carismático e espera de sua vitória eleitoral encomendas do Estado, arrendamentos de impostos, monopólios ou outros privilégios, sobretudo a retribuição de seus adiantamentos com os juros correspondentes [...]” (WEBER, 2004, p. 341).

De outro ponto de vista, como assinalado por Carlos Gutierrez, “a IURD não pode ser mais pensada apenas como uma igreja, mas como uma estrutura que congrega mídia, religião e poder econômico, devendo-se incluir também o plano político” (GUTIERREZ, 2016, p. 75). Não restam dúvidas de que Crivella, desde a sua candidatura ao senado, já era parte do plano político da IURD, que é o de eleger um presidente da República. Por ocasião da eleição de Crivella para a prefeitura do Rio de Janeiro, o professor da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP), Edin Abmansur fez a seguinte declaração à imprensa: “Não tenho dúvidas de que a Universal

⁷Ambos os pesquisadores, por ocasião da publicação do artigo intitulado “Uso estratégico das eleições alternadas? Efeitos da candidatura para prefeito sobre a votação dos concorrentes ao cargo de deputado federal no Brasil”, estavam vinculados ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Políticas do Instituto de Ciências Sociais e Políticas da Universidade Estadual do Rio de Janeiro.

quer alçar voos mais altos”, numa alusão ao desejo de Edir Macedo de fazer com que o sobrinho chegasse ao posto mais alto de nosso país⁸.

Se por um lado as eleições majoritárias propiciam uma maior capacidade de influir em políticas públicas, por outro o embate com os concorrentes ocorre de forma mais próxima e de maneira mais contundente. Prova disso é que, ao entrar na disputa para a prefeitura da capital carioca, Crivella enfrentou problemas com a Justiça Federal, com o Ministério Público, com a Receita Federal e com a CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. Na arena midiática, sofreu ataques advindos, principalmente, dos meios de comunicação das Organizações Globo, que tem como principal concorrente a Rede Record de Televisão, cujo proprietário é bispo Edir Macedo.

Mariano e Oliveira (2009, p. 87), recordam que inclusive um *blog* fora criado contra a candidatura de Crivella, o “crivellanão”, que adotava como mote principal o lema “Ninguém merece o bispo”. Os autores lembram que a candidatura dele sofreu outro baque: o rompimento da aliança política com o casal Garotinho, com o qual Crivella sempre contou como apoiadores. Anthony Garotinho migrou para o PMDB (Partido do Movimento Democrático Brasileiro), apoiando o candidato de sua nova legenda, Luiz Paulo Conde.

Não nos cabe aqui relatar todos os percalços enfrentados por Crivella nessa disputa acirrada, em que foi alvo da mídia. Ainda que contando com o aparato midiático de Edir Macedo, não foi possível se defender de tantos ataques de *O Globo*, da *Folha de São Paulo*, veículos de comunicação com forte ascendência sobre a opinião pública.

Vale ressaltar que já dessa vez, com vistos a driblar o eleitorado, Crivella adotou uma postura ambígua, ora assumindo sua identidade religiosa, ora se esquivando dela, incorporando o político profissional. Como observado por Gomes (2011, p. 34), política é teatro e há sempre um ator por trás das máscaras, o qual pode encarnar um ou mais personagens. Nos termos de Erving Goffman (1993, p. 49), os atores lançam mão de idealizações para agradar sua audiência, seus espectadores.

Utilizando-se de um jogo duplo, o lado religioso foi bastante evidenciado. Um dos principais eventos que tentou alavancar sua candidatura foi de cunho religioso: “Rio ao pé da Cruz”. Coordenado pelo bispo Clodomir dos Santos e realizado no Templo Maior da Igreja, no bairro periférico de Del Castilho, o evento previa a distribuição de impressos com o salmo 22, “coincidentemente” o número do partido de Crivella, o PL. Detalhe: no dia da votação em primeiro turno (MARIANO; OLIVEIRA, 2009).

⁸Edin Abmansur é professor da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Sobre a declaração, ver mais em: <http://www.diariodocentrodomundo.com.br/nao-tenho-duvidas-de-que-a-universal-vai-alçar-voos-mais-altos-diz-professor-de-religião>. Acesso em 18 de julho de 2019.

O resultado nas urnas refletiu o bombardeio. Crivella acabou ficando em segundo lugar, com 21,83% dos votos válidos. Cesar Maia, do PFL, ganhou já no primeiro turno. Não dispomos de dados que nos tornem possível afirmar que sua identidade religiosa teria atrapalhado o candidato a prefeito, mas o fato é que, em 2006, quando se candidatou a governador do Estado do Rio de Janeiro, o bispo Crivella adotou o discurso persecutório, semelhante ao que vinha sendo adotado desde o episódio do “chute na santa” (GIUMBELLI, 2003), e em favor da laicidade do Estado. “Quero o estado laico, mas quero politizar os evangélicos”, declarou o candidato ao ser sabatinado pelo jornal *Folha de São Paulo* durante a campanha (MARIANO; OLIVEIRA, 2009, p. 90).

Gutierrez, a partir de Dodier (2014), toma de empréstimo a ideia de “reflexividade estratégica” justamente para explicar esse duplo discurso da IURD, a qual se utiliza “[...] conforme a situação, de discursos que envolvem o respeito à laicidade, ou de apelo religioso, revelando ou ocultando o seu pertencimento à Universal” (GUTIERREZ, 2016, p. 85). Reproduzindo a fala de um informante entrevistado em sua pesquisa sobre essa igreja, o autor demonstra que o discurso persecutório está introjetado até nos fiéis: “A sociedade é muito preconceituosa com a Universal e não admite que outras religiões façam [...] O Chalita é católico e ninguém fala nada. Acham normal. O Serra, a mesma coisa. Alckmin também. Agora quando é com a gente é esse preconceito” (GUTIERREZ, 2016, p. 85).

Além do discurso persecutório e da exaltação à laicidade, a campanha de Crivella, em 2006, contou com um elemento novo - e inusitado até então, em se tratando de um candidato iurdiano. Na condição de candidato pelo Partido Republicano Brasileiro (PRB), obteve o apoio do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, que, como parte de seu pragmatismo político, fez aliança com o novo partido⁹ na disputa por sua reeleição. O bispo não teve a mesma sorte que o sindicalista. Saíu derrotado nessa eleição por Sérgio Cabral Filho (PMDB) - também apoiado por Lula - não chegando a disputar o segundo turno.

Uma das principais razões apontadas para a derrota de Crivella foi o resultado da Comissão Parlamentar Mista de Inquérito - CPMI - das Sangueugas, esquema de venda superfaturada de ambulâncias para o Ministério da Saúde. O resultado da CPMI saiu no final de agosto, recomendando a cassação de 72 parlamentares, dos quais, 27 eram evangélicos e 14 da IURD (MARIANO, OLIVEIRA, 2009, p. 91). O episódio foi

⁹ O Partido Republicano Brasileiro foi criado em agosto de 2005, mas obteve seu registro junto ao TSE somente em março, às vésperas da eleição. O artigo de Carlos Gutierrez intitulado “Igreja Universal e Política: Dispositivos e Participação na cena Pública” aponta para uma estreita vinculação entre o PRB e a IURD, ainda que, conforme o autor, os políticos e até os próprios fiéis tentam, em algumas circunstâncias, negar essa relação. (GUTIERREZ, 2014).

de encontro ao discurso de moralização da política apregoado pelos representantes da Universal, cuja máxima era o combate à corrupção.

O escândalo não prejudicou somente a candidatura de Crivella para governador, como também provocou uma redução no número de deputados na bancada evangélica, cujo número caiu de 60 para 40 em relação a 2002 (ORO; MARIANO, 2010, p. 20). Outro efeito do caso das Sanguessugas foi a saída de cena de muitos políticos vinculados às igrejas pentecostais, inclusive da própria IURD (TADVALD, 2010, p. 201), como o ex-bispo Carlos Rodrigues, que exerceu a função de coordenador político da Universal durante muitos anos (MARIANO; OLIVEIRA, 2009, p. 91).

Em 2008, mantendo um esquema de alternância na disputa por cargos políticos, Crivella torna a disputar a prefeitura do Rio de Janeiro, ao que nos parece um alvo preferido por ele e pela IURD, sobretudo na figura de seu tio Edir Macedo, que sempre analizou a trajetória política do sobrinho. Dessa vez, o bispo saiu na frente na corrida para prefeito, superando políticos como Eduardo Paes (PMDB), Fernando Gabeira (PV) e Jandira Feghali (PC do B). Porém, como lembrado por Mariano e Oliveira (2009), era também o candidato com o maior índice de rejeição (28%), o que só veio a aumentar durante a campanha.

Como agravante, Crivella ganhou a antipatia de grupos feministas e LGBTT, ao acusar Gabeira de “defender aborto, homem com homem e maconha” (MARIANO; OLIVEIRA, 2009, p. 92). É preciso salientar que, se por um lado, essa agenda moral cria animosidades com alguns coletivos sociais, por outro, ganha a confiança de outra parcela do eleitorado afinado com essa mesma agenda, para quem “a moralidade cristã é muito importante, pois indica [...] um compromisso com a família brasileira”. (GUTIERREZ, 2016, p. 86).

Nesse baile de máscaras da política, é preciso saber usar a máscara certa, na hora certa. Assim como na campanha para a prefeitura em 2004, em determinados momentos, o bispo precisou dissociar sua imagem religiosa e eclesiástica de sua atuação política. Para isso, em diversas ocasiões, contou com a cobertura da TV Record, vinculada à IURD, em eventos de campanha, como a que reuniu artistas da Rede Record em uma churrascaria (MARIANO; OLIVEIRA, 2009, p. 93), um acontecimento que poderíamos classificar como mais “profano”.

Uma conjunção de fatores desfavoráveis vindos dos mais variados segmentos, tais como ataques ostensivos das Organizações Globo, do jornal *Folha de São Paulo*; perda do apoio do PTB, partido forte no RJ, que decidiu apoiar o candidato peemedebista Eduardo Paes; denúncias de irregularidades, em projetos sociais, criados pelo candidato e, novamente, sua vinculação com a IURD, vista com maus olhos por uma parcela expressiva do eleitorado o levaram à derrota. De nada adiantaram os esforços de um dos

maiores marqueteiros do país, Duda Mendonça, na tentativa de apresentá-lo como um candidato sem amarras com sua instituição religiosa. Crivella perdeu as eleições para Eduardo Paes, o qual contou com o apoio do então governador Sérgio Cabral e dispunha do maior tempo no Horário Eleitoral Gratuito.

O grande salto de Crivella foi a vitória para a Prefeitura do Rio de Janeiro em 2016. A campanha, dessa vez vitoriosa, fez com que o debate político em torno do binômio religião-política viesse à tona novamente, com força. Vale ressaltar que essa foi sua quarta eleição majoritária e, em todas elas

o vínculo religioso, por um lado, era um ativo por colocá-lo em um patamar de votos competitivo, mas também um passivo na medida em que lhe foram atribuídos os estigmas disseminados na opinião pública a respeito dos políticos evangélicos: conservadores, moralistas, fisiológicos, corporativos, intolerantes e corrompíveis (ALMEIDA, 2017, p. 7).

Almeida salienta que, na campanha para a prefeitura do Rio de Janeiro, em 2016, “Em parte, Crivella procurou apresentar-se como um religioso pluralista – não necessariamente ecumênico, o que implica um certo congraçamento entre diferentes religiões. Por outro lado, a alta rejeição do seu adversário (um candidato da esquerda) favoreceu-o” (ALMEIDA, 2017, p. 7).

O antropólogo chama a atenção para o fato de que Marcelo Freixo, candidato do PSOL, embora nunca tenha participado de um governo do PT, acabou sendo vítima do antipetismo que tomou conta das últimas eleições para cargos majoritários. Curioso que Crivella e sua igreja foram aliados de gestões petistas, sendo que ele, inclusive, ocupou uma pasta no governo de Dilma Rousseff de 2012 a 2014, o Ministério da Pesca. No entanto, inexplicavelmente, não teve seu nome associado ao PT.

Crivella tomou posse como prefeito em janeiro de 2017, ocasião em que a capital carioca vivia uma de suas maiores crises nas áreas: econômica, políticas e social, com destaque para a violência que tomou conta daquela cidade e do estado. Isso porque a cidade do Rio de Janeiro sediou vários eventos internacionais, como a Copa do Mundo e os Jogos Olímpicos, recebendo investimentos vultosos, os quais deram margem à corrupção por parte de agentes públicos e empresários. Findos esses megaeventos, o que restou foi a falência das finanças públicas e a intensificação da violência. A gestão de Crivella já começou mal, imersa em um contexto de crise aguda.

Como se não bastassem todos esses problemas, Crivella, logo no início de seu mandato, reduziu pela metade o valor das verbas destinadas ao carnaval carioca, mais especificamente às escolas de samba, sob a alegação de que era necessário cortar gastos. Além disso, ele não compareceu ao desfile das escolas, bem como não fez a tradicional entrega das chaves do Rio de Janeiro para o Rei Momo, sob a legação de que “Ninguém é obrigado a fazer nada”¹⁰, atitudes consideradas impopulares aos olhos de parte da população, mas coerentes com sua pertença religiosa.

De todas essas campanhas eleitorais das quais Marcelo Crivella fez parte e que foram aqui relatadas, depreendemos que sua vinculação religiosa é a um só tempo definida como o título da música de Caetano Veloso, “Meu bem, meu mal”. Pelo fato de ora se aproximar de sua denominação religiosa, ora tentar se distanciar dela, Crivella acaba por apresentar mais de uma identidade, o que é uma das características desse político. Sobre as quais nos debruçaremos na próxima seção. “Ser crente ou não ser crente, eis a questão”. Tudo depende da ocasião.

2 - As múltiplas identidades de Marcelo Crivella

A trajetória de Marcelo Crivella seria apropriada para ilustrar a ideia de sujeito pós-moderno¹¹, conceito presente em Stuart Hall (2001, p.10), posto que esse político assume diferentes identidades, por vezes, contraditórias. Sua identidade muda conforme é interpelado e representado no meio em que irá atuar. Considerando sua inserção em igrejas evangélicas desde muito cedo e sua forte vinculação com Edir Macedo, supostamente a identidade religiosa de Crivella seria, nos termos de Hall a partir de Kobena Mercer (1990), sua “identidade mestra” (HALL, 2001, p. 21).

Para Hall, no entanto, essa “identidade mestra”, na pós-modernidade, sofre erosões constantemente, desdobrando-se em múltiplas identidades (HALL, 2001, p. 21). No caso específico de Crivella, no nosso entendimento, há necessidade de forjar diferentes identidades em consonância com diferentes contextos, uma vez que “Somos confrontados por uma gama de identidades (cada qual nos fazendo apelos a diferentes partes de nós), dentre as quais parece possível fazer uma escolha” (HALL, 2001, p. 75).

Depreendemos que as concepções multiculturalistas se aplicam em certa medida à figura de Crivella. Mas para se entender as múltiplas identidades do sobrinho do

¹⁰ Com essas palavras, o prefeito Marcelo Crivella justificou sua ausência no sambódromo e o fato de não ter entregue as chaves da capital carioca ao Rei Momo. Ver mais em: <https://g1.globo.com/rio-de-janeiro/carnaval/2017/noticia/ninguem-deve-ser-obrigado-a-fazer-nada-diz-crivella-sobre-ausencia-no-sambodromo.ghtml>

senador, nada como uma boa pesquisa empírica. Pedro Heitor Barros Geraldo (2012), apresenta um instigante estudo sobre as múltiplas identidades do sobrinho de Macedo, detendo-se na análise da campanha à prefeitura do Rio de Janeiro em 2004. O autor utiliza como metodologia de análise a tipologia ideal de Max Weber, criando os seguintes tipos: o senador, o político profissional, o bispo e o político ecumênico. Seu *corpus* constitui-se de matérias jornalísticas divulgadas no jornal de circulação nacional *O Globo* e do *house-organ* da IURD, *Folha Universal*, durante a referida campanha, cujo critério adotado refere-se a notícias mais de cunho político e religioso.

Valendo-se de um bem selecionado instrumental metodológico, Geraldo demonstra as oscilações do candidato quanto à máscara usada em determinados momentos, em determinadas situações, bem como as contradições que decorrem dessa troca constante. Antes de perscrutar seu objeto, Geraldo afirma existir uma “identidade irurdiana”, em diálogo com Carlos Rodrigues Brandão (2007), para quem existe uma identidade e, até mesmo, uma cultura evangélica, ainda que os crentes criem mecanismos de participação no mundo – como a cultura *Gospel*, já referida por nós.

Seria impossível – e não é nosso propósito – relacionar todas as passagens apresentadas por Geraldo em seu artigo sobre Crivella. O que mais nos interessa é buscar evidenciar as identidades multifacetadas do político. Por meio dos tipos elencados pelo autor em sua pesquisa, essas identidades vão se desvelando.

Sobre o Político Profissional, Geraldo explica que, para esse tipo, o que importa é o resultado final das eleições, ou seja, ganhar. Conforme o autor, diante dessa pretensão, o candidato “expõe suas aptidões e seu carisma pessoal” (GERALDO, 2012, p. 106). No entanto, é necessário que, ao agir enquanto político profissional, o candidato não pode revelar mais uma faceta em detrimento de outra. No caso de Crivella, a faceta religiosa não pode se sobressair à faceta política. Porém, é preciso evidenciar o carisma, o que fica patente no discurso do candidato iurdiano reproduzido pelo pesquisador:

Lembrei do tempo em que era surfista nas praias e via alguém se afogando. Eu me lançava para salvar a pessoa porque achava que, se não fizesse isso, não poderia viver com a culpa de não ter feito nada diante de uma tragédia. É com este espírito que eu me coloco à disposição dos

¹¹ Além do sujeito pós-moderno, Stuart Hall relaciona mais dois tipos: O sujeito do Iluminismo, que atua numa perspectiva mais intimista, individualista e o sujeito sociológico, que atua numa perspectiva mais interacionista, levando em conta o meio em que está inserido. (HALL, 2001).

senhores. O Rio de Janeiro precisa de coração (GERALDO, 2012, p. 106).

Assim, Crivella conseguiu, em uma única fala, mostrar-se um candidato moderno, acionando seu passado de surfista, que, no imaginário carioca, remete-o à Zona Sul, criando, portanto, identificação com o eleitor daquela região do Rio de Janeiro. Simultaneamente, revelou-se uma pessoa virtuosa, qualidade muito apreciada pelo grupo religioso ao qual pertence, característica herdada do puritanismo. Por último, passou a imagem de ser uma pessoa de bom coração.

Geraldo sentencia que Crivella soube lançar mão de seu carisma, entendido por ele a partir de Weber como sendo “as qualidades específicas extracotidianas e não racionais” (GERALDO, 2012, p. 108), com vistas a atingir seu propósito maior, ou seja, vencer as eleições, sem ter de apelar para o religioso.

Se por um lado, no “teatro da política”, a máscara de religioso não lhe convinha, por outro a máscara de candidato ecumênico precisaria ser usada em alguns atos, até para poder se desvincular de sua confissão religiosa. Como relatado por Geraldo, Crivella declarou que iria “governar sem caça às bruxas” e “sem qualquer tipo de discriminação, de intolerância ideológica” (GERALDO, 2012, p. 108).

Na tentativa de compatibilizar o discurso com a prática, o bispo da Universal visitou, inclusive, algumas sinagogas¹². Também, buscando se apresentar diante do

¹² Em palestra proferida pelo professor da Universidade de São Paulo (USP), Luiz Felipe Pondé, como convidado do Programa de Pós-Graduação de Ciência da Religião, a convite do ex-professor do programa Faustino Teixeira, em 2014 - ano da inauguração do “Templo de Salomão” pela Igreja Universal do Reino de Deus, o filósofo defendeu haver uma “judaicização” da igreja de Edir Macedo. Pondé chamou a atenção para o fato de a IURD estar retomando o Velho Testamento, argumentando ser uma prova disso a construção do “Templo de Salomão”, muito emblemático do ponto de vista simbólico. Na ocasião, o professor da USP argumentou também que, no seu entender, essa tentativa de aproximação com o judaísmo por parte da igreja de Macedo poderia ser interpretada como uma estratégia de marketing, uma vez que a IURD, na época, estava perdendo fiéis para outras igrejas evangélicas, como para a Igreja Mundial do Poder de Deus (IMPD) do “apóstolo” Valdemiro Santiago, ex-discípulo de Edir Macedo. Embora de cunho jornalístico e não científico, a reportagem da inauguração do “Templo de Salomão” pelo jornal “El País” corrobora com essa visão. O periódico espanhol divulgou uma parte do discurso proferido por ocasião da inauguração que ilustra bem isso: “É um presente dado por Deus termos o Templo de Salomão também no Brasil”. Conforme o próprio jornal, A frase foi dita por um narrador, “em referência aos dois templos de Salomão, construídos pelos judeus no Monte Moriá, em Jerusalém, destruídos ambas as vezes, sendo a última em 70 d.C pelos romanos”. O jornal *El País*, indo ao encontro da posição de Pondé, faz referência ao templo como sendo o “templo de ostentação” sugere tratar-se de uma jogada de marketing para atrair fiéis. diante da perda para outras igrejas. Disponível em:

eleitorado como um candidato aberto, em declaração ao jornal *O Globo* sobre os direitos de homossexuais, Crivella disse ser “radicalmente contra a discriminação” (GERALDO, 2012, p. 108). Geraldo recorda que, naquela disputada eleição à prefeitura do Rio de Janeiro, o candidato de Edir Macedo foi o que mais se encaixou no tipo político ecumênico (GERALDO, 2012).

Mudança de ato. Entra em cena o Senador. Na descrição de Geraldo, esse tipo “abrange a visão institucionalizada, quando se referem ao partido ou aos direitos dos cidadãos” (GERALDO, 2012, p. 109). Não cabem nesta tipologia os posicionamentos pessoais e há necessidade de apresentar, frente ao eleitor, um pensamento laicizado. Dito de outra forma, há de se ressaltar os vínculos político-partidários e a defesa de uma sociedade calcada na laicidade.

Ao se portar como um Senador, Crivella frisou sua pertença ao PL – partido que representava na época – e o fato de ser a mesma legenda do então vice-presidente da República, José Alencar. Vale lembrar que, naquela campanha de 2004, o Brasil era presidido por Luiz Inácio Lula da Silva (PT), de quem o senador dizia contar com o apoio para se tornar o prefeito carioca. Não faltou na ocasião quem procurasse lembrar a todo momento seu vínculo religioso, do qual Crivella tentava se desvincilar. Seus concorrentes e opositores “o acusavam de misturar política com religião” (GERALDO, 2012, p. 110), o que ia de encontro à sua tentativa de ser um defensor da laicidade.

Se, no meio político, o bispo tinha de esconder sua faceta religiosa; no meio religioso, o político tinha de reforçar sua identidade e sua pertença religiosas, sob pena de perder uma parte expressiva de seu eleitorado: os fiéis. Ao analisar o candidato a partir da tipologia Bispo, Geraldo observa que, além de mobilizar os discursos religiosos por vezes desprezados, Crivella também lançou mão de seu carisma.

Como relatado por Geraldo, ao ser acusado por um de seus concorrentes, César Maia, de usar o nome de Deus indiscriminadamente, o bispo iurdiano respondeu com veemência: “Uso o nome de Deus para tudo. A Constituição fala no nome Dele, assim como todas as notas em circulação no país”. E se atreveu a fazer um trocadilho: “Agora tem que ser dai a César o que é de Cesar, e ao Rio quem é de Deus” (GERALDO, 2012, p. 111).

Para reforçar o tipo Bispo, no *Folha Universal*, seu tio Edir Macedo dedicava seus editoriais ao sobrinho, exaltando sua competência religiosa: “Para viver aqui no Rio de Janeiro, é preciso ter um anjo poderoso para nos proteger. Tem que ser um anjo forte” (MACEDO, 2004 apud GERALDO, 2012, p.112). Ainda dentro da tipologia Bispo,

aloca-se um outro tipo de discurso: o persecutório, apropriadamente explorado por Emerson Giumbelli em seu artigo *O chute na santa* (2003) e por Clara Mafra, no artigo intitulado *A Dialética da Perseguição* (1998). Ao se valer desse recurso discursivo, conforme Geraldo (2012, p. 114), o candidato Crivella “buscava aumentar seu carisma em relação aos eleitores sem qualquer referência religiosa”. O autor explica que, nessa situação, o discurso deve ser entendido, então, como um artifício para se ampliar o carisma dos candidatos, seja se colocando numa posição superior, seja numa posição inferior.

Não foram raras as vezes que Crivella se vitimizou, alegando perseguição, sobretudo por parte do jornal *O Globo*. Para se queixar publicamente, o bispo usou o jornal de sua igreja, o *Folha Universal*, no qual declarou que o periódico da família Marinho o difamava com manchetes “absolutamente inverídicas”, mas que “Mesmo debaixo desta pancadaria toda, subi de 430 mil para 670 mil votos, que é o que tenho hoje” (CRIVELLA 2004^a, p. 8 apud GERALDO, 2012, p. 114).

No nosso entender, a categoria Bispo ainda comportaria a figura do sobrinho de Edir Macedo, uma vez que consideramos que o laço de parentesco entre Crivella e o tio é algo cristalizado. Trazendo para o debate em torno de sua personagem conceitos de Pierre Bourdieu, depreendemos que essa vinculação indelével nos leva a uma aproximação do conceito de *habitus* (BOURDIEU, 1996, p. 69), ou seja, o fato de ser parente de Macedo e membro ativo da IURD está de tal modo internalizado em Crivella que é impossível se defrontar com a imagem dele sem pensar na marca da Universal.

O verdadeiro princípio da magia dos enunciados performativos reside no mistério dos ministérios, isto é, na delegação ao cabo da qual um agente singular (rei, sacerdote, *porta-voz*) recebe o mandato para falar e agir em nome do grupo, assim constituído nele e por ele; tal princípio encontra-se mais precisamente, nas condições do ministério que constitui o mandatário legítimo como sendo capaz de agir através das palavras sobre o mundo social pelo fato de instituí-lo como *médium* entre o grupo e ele mesmo; isso ocorre, entre outras coisas, ao municiá-lo com signo e insígnias destinados a lembrar o fato de que ele não age em seu nome pessoal e de sua própria autoridade (BOURDIEU, 1996, p. 63, grifos do autor).

Recorrendo a outro conceito relevante do sociólogo francês, o de *capital simbólico* (BOURDIEU, 1996, p. 59), depreendemos que parte deste capital de Crivella é herdado

do tio, o qual fez do sobrinho a maior apostila de sua igreja para representá-lo na esfera pública, como buscamos demonstrar com a citação acima. No entanto é preciso que se diga que, ao longo de sua trajetória, o senador foi adquirindo seu próprio *capital simbólico*. Toda vez que se quer atingir o âmago da Igreja Universal – e de sua *holding* – especialmente os veículos de comunicação das Organizações Globo, procuraram destituí-lo de seu *capital simbólico*, o que, não raro, respinga nas organizações de Macedo.

Retomando as identidades múltiplas de Crivella, Geraldo (2012, p. 113), observa que elas são contingenciais, uma vez que adotadas dentro de um contexto eleitoral, o qual também não é imutável. Isso quer dizer que a cada eleição pode entrar mais ou menos em cena o senador, o bispo, o político profissional ou o político ecumênico. Tudo vai depender do tom da campanha.

Ainda que Geraldo sustente que é possível que Crivella “oscile entre as imagens do senador e do bispo de forma coerente” (GERALDO, 2012, p. 113), devemos observar que essas identidades múltiplas, por vezes, confundem-se, contradizem-se e entram em conflito. Como asseverado por Laclau e Mouffe¹³ (1993 apud MENDONÇA, 2012, p. 207), “o antagonismo faz parte da ontologia do político”. Segundo esses mesmos autores, “a possibilidade da política é a possibilidade de seus limites. Limites [...] são necessariamente limites antagônicos, ou seja, um discurso, uma identidade política, são constituídos na medida em que são identificados os inimigos” (LACLAU; MOUFFE, 1993 apud MENDONÇA, 2012, p.216). No caso de Crivella, essa identificação é primordial, por tratar-se de candidato muito visado, sobretudo por sua estreita vinculação a uma instituição religiosa. Essa ligação tanto pode fragilizá-lo quanto fortalecê-lo diante de seus opositores e concorrentes. Tudo é muito pontual.

Considerações finais

Sobre a trajetória de Crivella aqui traçada, podemos depreender ser um caso mais de sucessos do que de fracassos, ainda que tenha perdido algumas eleições para a prefeitura do Rio de Janeiro. Se o carisma dele se perpetuará, só o tempo dirá. Tampouco é possível prever se o desejo de Edir Macedo de “alçar voos mais altos”, como já referido, realizar-se-á na figura de seu sobrinho.

¹³ Os dois autores formularam, em parceria, o conceito de “antagonismo social”, visto por eles como “condição de possibilidade para a formação de identidades políticas”, conforme consta no artigo intitulado “Antagonismo como identificação política”, do professor da Universidade de Pelotas (RS) e cientista social Daniel de Mendonça, publicado em 2012 na Revista Brasileira de Ciências Políticas. É preciso registrar que essa ideia de antagonismo foi evocada por nós para explicar outro conceito de Chantal Mouffe (2005), o de agonismo, seu oposto. Mouffe se vale do conceito de agonismo para defender a legitimidade da participação da religião na esfera política, como já desenvolvido por nós no item 2.3 do primeiro capítulo desta tese.

É fato que, desde que assumiu a prefeitura do Rio de Janeiro, em 2017, as asas de Crivella, de tempos em tempos, estão sendo ceifadas. O pastor licenciado da IURD já enfrentou várias crises econômicas e políticas, sendo a mais grave delas o pedido de *impeachment* em 2019 e 2020, dos quais escapou. Antes disso, logo no início de sua gestão, enfrentou o problema de temporais e de enchentes no estado do Rio, sobretudo na capital, o que desgastou seu governo.

As “chuvas e trovoadas” não vieram somente do “Céu do Senhor”, mas também das instituições políticas e da sociedade civil, bem como de grande parte das mídias carioca e nacional, à exceção daquelas que pertencem ao “império midiático” do tio Edir Macedo, quem o defende das denúncias e das acusações que pairam sobre ele.

Por meio de *personas* como o próprio Crivella e outros políticos apoiados por ele, Edir Macedo procura manter-se no poder, ainda que de forma indireta. O bispo-mor da IURD ainda não conseguiu fazer um presidente da República para “chamar de seu”. No entanto, é inegável que seus apoios vêm corroborando, de forma significativa, para a vitória de praticamente todos os presidentes, desde a primeira eleição pós-ditadura até a última realizada em 2018, cujo vencedor foi Jair Messias Bolsonaro. Esse político que, embora diga que é católico, possui grande identificação com o segmento evangélico, uma de suas principais bases de apoio.

Crivella, desde o início do governo Bolsonaro, procurou manter-se alinhado ao presidente da República, inclusive adotando uma conduta “cristofacista” (PY, 2019; 2020), ou seja, instrumentalizando seu mandato pelo fundamentalismo evangélico, utilizando a religião para legitimar e para ampliar seu autoritarismo. Prova disso são algumas de suas atitudes no enfrentamento da pandemia do Novo Coronavírus. Para citar um exemplo, vale lembrar que o bispo licenciado da IURD instalou um tomógrafo, aparelho usado para diagnóstico da doença, em um templo de sua igreja na comunidade da Rocinha, apesar das controvérsias ocorridas inclusive no âmbito jurídico.

É difícil prever se Crivella permanecerá na vida política, em razão de tantas tormentas não só no campo político, mas também em outros setores, como o cultural, por exemplo. Em razão de sua pertença religiosa, sua atitude com relação ao carnaval, por exemplo, causou-lhe vários ataques. Compatibilizá-la com os cálculos políticos que ele necessita fazer é um dos grandes desafios enfrentados por ele.

Ainda que diante de uma administração marcada por crises constantes, Crivella necessita preservar a imagem do tio, o qual o lançou na política, bem como da instituição religiosa a qual ambos pertencem. Recorrendo a um ditado de origem árabe, é preciso garantir que: “os cães ladrem e a caravana passe”. No caso específico de Edir Macedo, com direito a acompanhante e passaporte diplomático.

Referências

- ALMEIDA, Ronaldo. *A “onda quebrada”: evangélicos e conservadorismo*. Cadernos Pagu (50), 2017. p.1-27.
- BALTAR, Paulo Eduardo de Andrade. *Estagnação da Economia, abertura e crise do emprego urbano no Brasil*. Revista Economia e Sociedade, N° 6, Jun.1996, p.75-111. Disponível em: www.eco.unicamp.br/docprod/downarq.php?id=4418tp=a. Acesso em 17 de novembro de 2011.
- BOURDIEU, Pierre. Questões de Sociologia. Rio de Janeiro: Editora Marco Zero, 1983.
- _____. *A Economia das trocas simbólicas: o que falar quer dizer*. Tradução: Sérgio Miceli et al. São Paulo: EDUSP, 1996.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Os deuses do povo – um estudo sobre a religião popular. Uberlândia: Editora da Universidade Federal de Uberlândia, 2007.
- GERALDO, Pedro Heitor Barros. *O Senador e o Bispo: As estratégias de construção identitária nas eleições municipais cariocas de 2004*. Religião e Sociedade, Rio de Janeiro, 32(1): 97-129, 2012.
- GRAÇA, Luiz Felipe Guedes da e SOUZA, Cíntia Pinheiro Ribeiro de. *Uso estratégico das eleições alternadas? Efeitos da candidatura para prefeito sobre a votação dos concorrentes ao cargo de deputados federal no Brasil*. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S010462762014000300326&lng=en&nrm=iso&tlang=pt. Acesso em 3 de maio de 2019.
- GIUMBELLI, Emerson. *O “chute na santa”: blasfêmia e pluralismo religioso no Brasil*. In: BIRMAN, Patricia. Religião e Espaço Público. São Paulo: Attar Editorial, 2003. p.169-199.
- GOFFMAN, Erving. A apresentação do Eu na vida de todos os dias. Tradução: Miguel Serras Pereira. Lisboa (Portugal): Relógio D’água Editora, 1993.
- GOMES, Wilson. Transformações da política na era da comunicação de massa. São Paulo: Paulus, 2011.
- GUTIERREZ, Carlos. *Igreja Universal e Política: Dispositivos e participação na cena pública*. In: Religião e Política ao Sul da América Latina. WYNARCZYK, Hilario, TADVALD, Marcelo e MEIRELLES, Mauro (Orgs.). Porto Alegre (RS): Editora Cirkula, 2016, p. 75-90.
- HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: Editora DP&A, 2001.
- LEVI, Giovanni. *Usos da biografia*. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de M. (Orgs.). Usos e abusos da história oral. Rio de Janeiro: FGV, 1996, p.167-182.
- MACEDO, Edir. Nada a Perder. Livro 1. São Paulo: Editora Planeta, 2012.

MACHADO, Maria das Dores Campos. *Além da Religião*. Cadernos CERU, Série 2, n.12, 2001.

MACHADO, Maria das Dores Campos. *Evangélicos e as eleições de 2002 no Rio de Janeiro: as disputas pelo poder legislativo em perspectiva*. In: BURITY, Joanildo A. e MACHADO, Maria das Dores Campos (Org.) Os votos de Deus: Evangélicos, política e eleições no Brasil. Recife (PE): Editora Massangana, 2005. p. 91-117.

MARIANO, Ricardo e OLIVEIRA, Rômulo Estevan Schembida de. *O Senador e o Bispo: Marcelo Crivella e o seu dilema shakespeariano*. Dossiê Religião, Política e Sociedade, v.4, n.6, 2009.

MARTINO, Luís Mauro Sá. Mídia e poder simbólico: Um ensaio sobre comunicação e campo religioso. São Paulo: Paulus, 2003.

MENDONÇA, Daniel de. *Antagonismo como identificação política*. Rev. Bras. Ciênc. Polít. [online]. 2012, n.9, pp.205-228. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-33522012000300008>. Acesso em 9 de julho de 2019. P.149-169.

ORO, Ari Pedro. *A Igreja Universal e a política*. In: BURITY, Joanildo A. e MACHADO, Maria das Dores Campos (Org.) Os votos de Deus: Evangélicos, política e eleições no Brasil. Recife (PE): Editora Massangana, 2005. p.119-147.

ORO, Ari Pedro e MARIANO, Ricardo. *Eleições 2010: Religião e Política no Rio Grande do Sul e no Brasil*. In: Religião e Política. Debates do NER, Porto Alegre, Ano 11, N. 18, jul./dez.2010.

ORO, Ari Pedro e TADVALD, Marcelo. *A Igreja Universal do Reino de Deus e a reconfiguração do espaço público religioso brasileiro*. Revista Ciencias Sociales y Religion/Ciências Sociais e Religião, Porto Alegre, Ano 17, n.23, p.76-113.

PY, Fábio. *Cristofascismo em 7 atos: como Bolsonaro usou a alegoria da Páscoa para não perder popularidade*. Disponível em: <https://theintercept.com/2020/05/01/cristofascismo-bolsonaro-pascoa/>. Acesso em 5 de maio de 2020.

SANT'ANA, Rachel. *O som da Marcha: evangélicos e espaço público na Marcha para Jesus*. Religião e Sociedade, 2014/2, p.210-231.

TADVALD, Marcelo. *Eleitos de Deus e pelo povo: Os evangélicos e as eleições federais de 2010*. In: Religião e Política. Debates do NER, Porto Alegre, Ano 11, N. 18, jul/dez.2010. p.83-109.

WEBER, Max. Economia e Sociedade: Fundamentos da sociologia compreensiva (Volume 2). Tradução: Régis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa. Brasília (DF): Editora UNB: São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo,2004.

_____. Ciência e Política: duas vocações. Tradução: Leonidas Hegenberg e Octany Silveira da Motta. São Paulo: Cultrix, 2011.